

Como se tratava o estupro em 1833

SENTENÇA JUDICIAL DATADA DE 1833

Província de Sergipe

*Ipsis litteris, ipsis verbis! — Trata-se de
Língua Portuguesa Arcaica*

PROVÍNCIA DE SERGIPE

O adjunto de promotor público, representando contra o cabra Manoel Duda, porque no dia 11 do mês de Nossa Senhora de Sant'Ana, quando a mulher do Xico Bento ia para a fonte, já perto dela, o supracitado cabra, que estava de em uma moita de mato, sahiu della de supetão e fez proposta à dita mulher, por quem queria para coisa que não se pode trazer a lume, e como ella se recusasse, o dito cabra abrafolou-se dela, deitou-a no chão, deixando as encomendas della de fora e ao Deus dará. Elle não conseguiu matrimônio porque ella gritou e veio em amparo della Nocreto Correia e Noberto Barbosa, que prenderam o cujo em flagrante. Dizem as leises que duas testemunhas que assistam a qualquer naufrágio do sucesso fazem prova.

CONSIDERO

QUE o cabra Manoel Duda agrediu a mulher de Xico Bento para conxambrar com ela e fazer chumbregâncias, coisas que só marido della competia conxambrar, porque casados pelo regime da Santa Igreja Cathólica Romana;

QUE o cabra Manoel Duda é um suplicante deboxado que nunca soube respeitar as famílias de suas vizinhas, tanto que quiz também fazer conxambranas com a Quitéria e a Clarinha, moças donzellas;

QUE Manoel Duda é um sujeito perigoso e que se não tiver uma cousa que atenuie a perigança dele, amanha está metendo medo até nos homens.



Disponível em: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ministros_imperio_brasil.jpg>.

CONDENO

O cabra Manoel Duda, pelo malifício que fez à mulher do Xico Bento, a ser CAPADO, capadura que deverá ser feita a MACETE. A execução desta peça deverá ser feita na cadeia desta Villa.

Nomeio carrasco o carcereiro.

Cumpra-se e apregue-se editais nos lugares públicos.

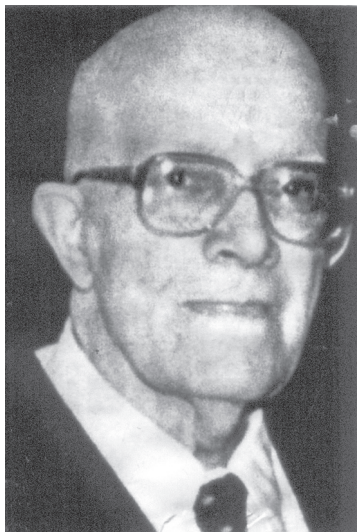
Manoel Fernandes dos Santos
 Juiz de Direito da Vila de Porto da
 Folha Sergipe, 15 de outubro de 1833.
 Fonte: Instituto Histórico de Alagoas.

O que foi a Clínica Ginecológica da FMUSP entre 1955 e 1987

Carlos Alberto Salvatore

Ao assumir a direção da Clínica Ginecológica da FMUSP, no Hospital das Clínicas, em 1972, o Prof. Carlos Alberto Salvatore teve a honra de ser o terceiro professor titular na FMUSP-HC.

A Escola Ginecológica Paulista, fundada pelo Prof. Nicolau de Moraes Barros, foi consolidada pelo Prof. José Medina. O Prof. Salvatore conseguiu também, com a colaboração de excelentes assistentes, elevar o nome e prestígio da Escola Ginecológica Paulista não só no Brasil como no exterior. Essa escola, por meio de seus herdeiros, deixou ramos na Santa Casa, na Escola Paulista de Medicina em Sorocaba, em Ribeirão Preto e em Botucatu.



José Medina — Professor emérito da FMUSP

Ao conquistar a cátedra de Ginecologia da FMUSP no Hospital das Clínicas em 1972, sempre foi assíduo, sendo um dos primeiros a chegar à enfermaria e um dos últimos a sair.

Submeteu-se a cinco concursos: doutoramento, três licenciaturas (duas de ginecologia e uma de tocoginecologia), sendo uma delas na Faculdade de Medicina do Paraná, e, depois, o último para a conquista do cargo de Professor Titular de Ginecologia da FMUSP em 1972.

Teve a felicidade de conquistar quatro bolsas de estudos, trabalhando cerca de quatro anos e meio fora do Brasil, dos quais três anos e meio nos Estados Unidos (1951, 1960 e 1967) e um ano na Inglaterra (1953).

Sob a direção do Prof. Medina criou o sistema da residência médica na Ginecologia, sendo o seu responsável.

Até 1972, quando assumiu a direção da Clínica Ginecológica na FMUSP-HC, já havia realizado com seus residentes 4.125 operações ginecológicas. Foram preparados 450 residentes e publicou 152 trabalhos científicos, sendo 2/3 em colaboração com seus assistentes, dos quais 38 em revistas estrangeiras. Teve a felicidade de trabalhar sob a direção de grandes mestres no exterior: nos Estados Unidos, os professores Meigs, Novak, Te Linde e Page; na Inglaterra, R. Kellar e Charles Read.



Joe V. Meigs — Professor da Harvard University, EUA

Ao assumir a direção da Clínica Ginecológica, procurou engrandecer os setores já existentes, como os de mastologia, esterilidade, prevenção do câncer ginecológico (citologia e colposcopia) e endocrinologia. Além disso, introduziu outros setores, por exemplo, o Pronto Socorro Ginecológico, Patologia Cervical, Climatério, Sexologia e Oncologia Ginecológica.

Após doze anos chefiando o Ambulatório Geral da Clínica Ginecológica, foram atendidos 330.196 pacientes e, nos ambulatórios especializados, 206.374, totalizando 536.570 pacientes.

Foram internados 16.650 pacientes e realizadas 17.650 operações, representadas por 8.000 perineorráfias, 3.500 histerectomias abdominais, 1.500 histerectomias vaginais, 3.500 operações para a cura de incontinência urinária, 760 operações de Wertheim-Meigs para a cura do câncer do colo do útero, 1.500 mastectomias para a cura do câncer de mama e 200 operações de McIndoe (vaginoplastia).

artificiais). Em 15 anos foram realizados mais de 100.000 testes de Papanicolau, 89.638 colposcopias, ambos visando à prevenção do câncer do colo do útero. Foram feitos 18.750 exames de mama, 47.546 casos atendidos no Pronto Socorro e 59.255 casos atendidos para o planejamento familiar.

Anualmente, contando com grande número de excelentes assistentes, foram ministradas cerca de 850 aulas teóricas e práticas e cerca de 16 residentes completaram especialização em Ginecologia (três anos de duração).

Sob sua supervisão, a Clínica Ginecológica realizou 18 cursos de pós-graduação. Trinta e dois professores estrangeiros foram convidados para ministrar conferências e participar de cursos de especialização.

Anualmente, foram publicados, em média, 30 trabalhos científicos, e seus assistentes representaram a Clínica, apresentando trabalhos em numerosos Congressos Médicos.

Durante seus 15 anos na direção da Clínica Ginecológica da FMUSP-HC formaram-se dois professores adjuntos e dez excelentes assistentes se tornaram professores livres-docentes, 20, doutores e 25, mestres. Vários deles atualmente com destaque e renome no âmbito nacional e internacional.

Nesse período de 15 anos foram publicados 22 livros pelo *staff* da Clínica, entre os quais, 12 com sua colaboração e quatro exclusivamente de sua autoria. Também publicou três atlas de cirurgia ginecológica.

Teve, inclusive, a oportunidade de aperfeiçoar técnicas operatórias, como a histerectomia de Mayo-Word-Salvatore.

Publicou 290 trabalhos científicos, dos quais 48 em revistas de língua inglesa, e participou de 50 comissões examinadoras de concursos. Foi membro de 38 sociedades médicas, presidente da Sociedade Brasileira de Patologia Cervical e Colposcopia durante seis anos, membro da diretoria da Federação Internacional de Ginecologia e Obstetrícia (FIGO) e presidente do VI Congresso Mundial de Patologia Cervical e Colposcopia, realizado em maio de 1987 no Maksoud Hotel, em São Paulo, que foi assistido por 1.300 membros e teve a participação de famosos especialistas em câncer do colo do útero.

Onze de seus trabalhos científicos foram premiados, além de outras honrarias recebidas. Em 19 de abril de 1987 aposentou-se e, em 1º de setembro de 1987, foi homenageado com uma placa de bronze — no 10º andar do Hospital das Clínicas, na Clínica Ginecológica — com os seguintes dizeres: “Ao eminente mestre Carlos Alberto Salvatore o reconhecimento de seus discípulos”. Foi também diretor do Departamento de Cultura da APM durante dois mandatos.

Acredita ter sido digno da cátedra que conquistou, honrando a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e colaborando para a ginecologia paulista ser conhecida internacionalmente, segundo o preceito do fundador da Escola Ginecológica Paulista, Prof. Nicolau de Moraes Barros, que é a seguinte: “O professor titular deve assumir a responsabilidade de ocupar o cargo dirigente para servir a ele, e não para servir-se dele”.

É importante lembrar que, à época, os exames para livre-docência e professor titular eram constituídos de seis provas:

1) memorial, 2) prova escrita, 3) prova didática, 4) prova prática, 5) prova cirúrgica e 6) defesa de tese.

Atualmente, apenas memorial e aula, que é escolhida cerca de seis meses antes do início do concurso. Como resultado, aumentou o número de professores não tão bem preparados para o exercício da profissão. Ademais, lamentavelmente, no Brasil já existem cerca de 180 escolas de medicina.

Até hoje, o primeiro e único portador de Prêmio Nobel (1977) que veio ao Brasil para proferir conferências foi seu amigo Prof. Victor Schally (dezembro de 1977), diretor do Instituto do Cérebro em Nova Orleans, EUA.



Professor Victor Schally

O Prof. Salvatore foi aposentado compulsoriamente em 19 de abril de 1987, mas continuou clinicando até completar 90 anos de idade.



Dr. José de Toledo Piza, o sanitarista que honrou a 1ª turma da Faculdade de Medicina de São Paulo

Arary da Cruz Tiriba



Em reunião de cientistas do Instituto Adolpho Lutz, Dr. Piza, casaco escuro, terceiro da segunda fila

Conheci-o em janeiro de 1951, quando comecei a trabalhar no Hospital de Isolamento Emílio Ribas. Toledo Piza ali comparecia às manhãs. Permanecia no terraço do Pavilhão Classe, mas não entrava no seu interior; sentado no vime, palestrava com alguns notáveis da época: Petraglia, prestigiado cardiologista, e Quaglia, analista de laboratório. Eu, recém-formado, médico-residente, mal tinha tempo para lhes dar atenção, porém “irradiava” para Piza a súpula das ocorrências nos pavilhões, pelo que expressava, ele, satisfação. Algo me dizia que simpatizava comigo, talvez porque eu lhe remetesse à juventude.

Sobre Piza ignorava tudo: que fora Acadêmico Interno do Hospital de Isolamento, para o qual retornara como Médico Interno por mais de 15 anos; que era profundamente experiente em doenças epidêmicas e suas complicações: *diphtheria*, escarlatina, *meningite cerebrospinal epidêmica*, meningite tuberculosa, *grippe*, tétano, encefalite epidêmica, febre amarela, *febre typhoide*, *moléstia de Weil*, *typho exanthematico*, poliomielite, coqueluche, sarampo, *varicella*, raiva, varíola, e daí afora [grafias ainda correntes]. Não entendia, eu, por que se mantinha distanciado das atividades regulares, até o dia em que causei o *imbroglio*. Participei-lhe que internara um doente de febre maculosa. Exultou! Não resistiu, quis ver o paciente. Permaneceu brevemente na enfermaria, o que achei estranho, dado o interesse revelado, mas confirmou meu diagnóstico. Primeiro caso da *rickettsiose* que eu admitia no Isolamento! Feliz pela confirmação, não tinha conhecimento de que Piza era a autoridade máxima em *typho exanthematico* de São Paulo. Em seguida, o desapontamento! Piza foi chamado às falas pelo meu tutor científico e

Diretor da Instituição, Prof. Luiz Pereira Barretto Neto, que caracterizou a inconveniência da sua presença na enfermaria. Pereira Barretto soubera — por este dedo-duro — que Piza adentrara a enfermaria! Cometera crime?! Vejam, não supunha, eu, que preexistissem choques, idiossincrasias, imposições administrativas e... políticas! Causara um dissabor entre cientistas, aos quais devotava profundo respeito.

Pouco a pouco, fui desfazendo o mistério. A presença atual de Toledo Piza representava um castigo. Fora ali recolocado, mas após ter sido destituído de elevado cargo administrativo da Secretaria da Saúde. Por imposição do regime [incompatibilidade com Adhemar de Barros] foi submetido ao exílio funcional... sem quaisquer funções técnicas! Adhemar, também médico, instrumento da ditadura Vargas, fora Interventor do Estado, e Piza, combatente da Revolução Constitucionalista de 1932; inimigos, portanto.

A grandeza de Toledo Piza, identifiquei-a a partir do incidente. Passou pela admoestação, porém, sem comprometer este médico. Assumiu a responsabilidade pelo seu ato sem dizer que fora eu arauto e provocador da pretensa invasão opinativa.

Admirava o seu charme. Achava-o possuidor da postura fidalga, inata, irradiadora de um quê da nobreza que transparece, mas que não discrimina o homem simples, revelando-se, ao contrário, atencioso com as pessoas de qualquer condição ou idade. Curiosamente, em conversa com D. Maria Isaura Pieroni, sua filha, externei-lhe minhas impressões sobre o genitor. Maria Isaura — que tem muito do pai — sorriu e, recatadamente, confidenciou que seu genitor tinha,

efetivamente, ascendência na nobreza. De fato, no *Repertório biográfico e genealógico paulista*, de João Gabriel Santana, editado em São Paulo, em 1987, e em *Apontamentos históricos, geográficos, biográficos, estatísticos e noticiosos da província de São Paulo*, de Manuel Eufrásio de Azevedo Marques (1825-1878), Editora Itatiaia, Belo Horizonte, 1980, consta, sobre os Toledo Piza, que descendem, é certo, de fidalgos ibéricos da casa dos condes de Oropeja e dos duques de Albas de Tormes. O tronco da família, nos anos 1600, foi Simão de Toledo Piza, da Capitania de São Vicente e, posteriormente, da Vila de São Paulo, em que exerceu o cargo de ouvidor e capitão-mor.

E tantos são os Toledo Piza ilustres! Conheci alguns, médicos e não médicos, dos quais guardo boas recordações. Tônica comum: a distinção! Diferentemente de alguns *purgantosos* paulistas-de-400 anos, jamais ouvi de Piza uma referência trombeteante sobre os seus avós, bisavós e tataravós... Tampouco mencionava sobre a bagagem científica pessoal, consistente, ou melhor, não precisava expô-la porque sua palavra deixava entrevê-la.

Aquela época — há cinquenta e tantos anos —, Toledo Piza fazia um comentário que até hoje me parece pertinente. Ele não tinha ligação com o ensino médico, mas possuía larga visão e conhecia a deficiência da saúde pública. Disse-me que melhor seria se o Hospital de Isolamento Emílio Ribas, em vez de campo prático para os cursos de graduação das faculdades de medicina, fosse centro de aperfeiçoamento de Saúde Pública. À década de 1950, só existiam duas escolas médicas: a *Pinheiros* e a *Paulista*; professores e alunos de ambas adquiriam prática nas enfermarias do Isolamento. Mais lógico, segundo ele, que se estabelecessem laços com a Faculdade de Higiene e Saúde Pública (hoje Faculdade de Saúde Pública). Essa Instituição de pós-graduação multiprofissional recebia apoio da Fundação Rockefeller, mas o Órgão da Universidade de São Paulo jamais assumiu qualquer iniciativa visando ao propósito imaginado por Piza.

José de Toledo Piza nasceu em Sorocaba, aos 10 de agosto de 1893. Ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, mas, ao cursar o 1º ano, na Capital da República, foi aberta em São Paulo a Faculdade de Medicina e Cirurgia na Santa Casa de Misericórdia, para a qual se transferiu, retornando ao 1º ano; diplomou-se em 1918, integrante que foi da 1ª turma que teve por paraninfo seu Diretor, o Professor Arnaldo Vieira de Carvalho. A seguir, foi médico da Santa Casa de Misericórdia sob a orientação do Dr. Diogo de Faria e dos Professores Celestino Bourroul e Pinheiro Cintra, expoentes clínicos da 1ª metade do século XX. Conheci de perto, quando estudante e recém-formado, esses professores, outros grandiosos capítulos!

Durante a Revolução Constitucionalista de 1932, Piza serviu como capitão. Foi deputado estadual, tendo se empenhado na Assembleia Legislativa pela preservação do espírito preconizado por Oswaldo Cruz e Emílio Ribas.

A convite da Fundação Rockefeller, Piza esteve nos Estados Unidos estudando moléstias infecciosas. Episódio gratificante, viveu no hospital de Chicago quando usufruía da bolsa de estudos. À ocasião, fora admitida a criança asfíxiada pelo crupe, quadro dramático familiar a Toledo Piza. Insinuou, ele, sobre a imediata indicação do tratamento cirúrgico de extrema urgência — pela incisão da traqueia e introdução da cânula —, sugestão que foi recebida sem entusiasmo pelos colegas americanos que não possuíam os conhecimentos indispensáveis. Piza mostrou disposição para realizar a intervenção cirúrgica, caso tivesse autorização do Hospital e dos familiares, no que foi prontamente atendido. Recordista em número de traqueostomias do Isolamento de São Paulo, Piza procedeu em segundos à intervenção ressuscitadora, salvando a criança da laringite diftérica. Ele, que fora para altos estudos, além da demonstração prática, ministrou aos norte-americanos o curso de treinamento para situações desesperadoras! Característica de Toledo Piza: não fazer autopromoção. Jamais ouvi desse sanitarista

o que chamamos “contar vantagem”. Simplesmente, sempre atuou com propriedade! E no momento certo!

Aos 26 de abril de 1926 comemorava-se o cinquentenário da apresentação de uma determinada Nota Prévia à Sociedade Alemã de Patologia, de Berlim, cujo relator fora o cientista patricio Henrique da Rocha Lima. A nota: “A propósito da etiologia da febre exantemática”. O jornal *O Estado de S. Paulo* na seção Atualidades Científicas, de 8 de maio de 1966, publicou na íntegra um discurso de página inteira (!) do Dr. Luís Satyro de Salles Gomes, ex-Diretor de Microbiologia do Instituto Adolfo Lutz, sob o título “O tifo que Rocha Lima descobriu”. Escreveu Salles Gomes: “Em 1930, Rocha Lima, a convite de José de Toledo Piza teve ocasião de ver no Hospital de Isolamento alguns doentes de tifo exantemático, iguais a tantos outros que desde 1929 vinham sendo estudados clínica, experimental e histologicamente por Piza, por nós” (ele, Salles Gomes, e Meyer).

Precioso marco é esse livro em que figura como primeiro autor (ao lado de Salles Gomes e Meyer) sobre *typho exanthematico* de São Paulo, publicado em 1933. Bastaria essa contribuição para consagrá-lo como clínico, epidemiologista, sanitarista, pesquisador e profissional de trabalho em equipe! O traço de união! Exemplo ímpar para qualquer época! Em todos os tempos foi considerado o modelo de médico sanitarista — não adstrito ao gabinete, mas o inquieto que vai ao campo para investigar, pessoalmente, para desvendar e controlar os fenômenos epidêmicos.

Foi homem de confiança em numerosos governos, à exceção dos autoritários, os quais foram repudiados pelos paulistas. A progressão dos anos jamais o alquebrou. À idade avançada, foi convocado pelo Governo do Estado para comandar o combate à esquistossomose. Na Baixada Santista e nos vales — do Ribeira de Iguape, do Paraíba do Sul, do Tietê —, Piza desenvolveu incessante atividade até extinguir a endemia parasitária.

Em dezembro de 1971, o Boeing 720 paquistanês foi sequestrado no aeroporto de Orly, em Paris; Piza embarcara nessa aeronave, com destino ao Egito para representar o Brasil em um seminário internacional sobre a esquistossomose. Avião e passageiros estiveram por 24 horas sob iminência da explosão. Piza, a bordo — aos 78 anos —, prestava conforto moral aos mais sucumbidos!

Aos 90 anos escrevia seus registros sobre Saúde Pública. Aos 92, a imagem da sua imponente envergadura, plena de permanente entusiasmo, passou a habitar a retina dos seus filhos, netos e bisnetos, bem como a dos colegas que com ele serviram. Toledo Piza deixou o legado do qual não soubemos usufruir. Qual o legado? Aquele da pesquisa em parceria das instituições irmãs que amou: o Hospital de Isolamento Emílio Ribas (agora Instituto de Infectologia Emílio Ribas) e o Instituto Bacteriológico (ora Instituto Adolpho Lutz). Não há como ser preenchida a força do seu caráter para o restabelecimento da pesquisa associada nas unidades tradicionais das ciências da saúde do nosso Estado.

Arary da Cruz Tiriba

Membro emérito da cadeira n. 81 — Patrono Adolpho Lutz — da Academia de Medicina de São Paulo e seu diretor, gestão 2009/2010



Posse da Diretoria da Academia de Medicina de São Paulo

Yvonne Capuano

Senhoras e senhores:

Muitos ocuparam, antes de mim, este lugar privilegiado. Muitos terão experimentado, com sentimentos análogos, a emoção de assumir a presidência desta centenária entidade, cujo passado alimenta o orgulho de seus membros e cujo futuro, ora em nossas mãos, se afigura pleno de possibilidades.

A Academia de Medicina de São Paulo completa 114 anos de existência, e sua história pode ser vista hoje não apenas à luz do contexto paulista e brasileiro, que certamente nela imprimiram suas marcas, mas como produto do idealismo e da vontade de grandes homens. Evoco aqui as figuras tutelares de Luís Pereira Barreto, Cândido Espinheira e Arnaldo Vieira de Carvalho, entre outros, que naquele remoto ano de 1895 se dispuseram a criar uma sociedade que pudesse discutir e resolver os problemas de saúde e higiene que afetavam São Paulo, além de lutar pela criação, entre nós, de uma Faculdade de Medicina e Cirurgia, o que de fato aconteceria em 1913.

No plano institucional — e falo agora em nome de meus companheiros de diretoria, sem os quais não teria aceito tão difícil incumbência —, a responsabilidade que temos pela frente é enorme, como podem imaginar. Afinal, depois da profícua gestão que me antecedeu, capitaneada por Guido Palomba, a própria tarefa de dar continuidade a suas iniciativas já representa um esforço considerável. No plano pessoal, no entanto, cabem as ponderações que me permitem, a título de uma verdadeira profissão de fé, recompor o percurso que me fez titular de tão honroso cargo. Trata-se, antes de tudo, de um gesto de reconhecimento, tão necessário quanto simples, não fosse a gratidão considerada por Cícero a mãe de todas as virtudes. Em outras palavras, meu pronunciamento será pautado pelo reconhecimento e pela gratidão.

Em 1958 ingressei na Escola Paulista de Medicina, instituição de ensino criada em 1933 por iniciativa de Otávio de Carvalho, no

rescaldo da Revolução Constitucionalista que havia mobilizado a população do Estado de São Paulo contra a ditadura de Vargas. No final da década de 1950, a Escola já desfrutava de grande prestígio, não apenas graças a empreendimentos pioneiros no Brasil, como a construção de um hospital universitário e o estabelecimento de programa de residência médica, mas, sobretudo, pela excelência do ensino ali ministrado. Passei a viver em um ambiente majoritariamente masculino e, de certa forma, ainda bastante hostil às mulheres. Esses preconceitos, que as jovens de hoje não mais experimentam, ficaram insignificantes diante da qualidade do corpo docente e dos conhecimentos auferidos dos grandes mestres que tive. A todos sou grata: a Jairo Ramos, Antonio Gebara, Afiz Sadi, Samuel Atlas, Fernando José de Nóbrega e Costabile Gallucci, entre outros. Se pudesse resumir as lições então aprendidas, diria que o maior legado da Escola Paulista de Medicina foi um *ethos* que combinava perfeitamente a certeza com a capacidade de interrogar, a teoria com a prática, a ciência com a moral.

Quanto ao exercício profissional, que considero um prolongamento da formação escalonada do curso superior, tive-o facilitado e estimulado por Mansur Gebara, um dos meus professores, que me convidou para trabalhar como sua assistente no Hospital Nove de Julho, no qual permaneci 18 anos. Com ele muito aprendi, e lhe sou por isso imensamente agradecida. Além de experiência no atendimento de seus pacientes, base imprescindível para solidificar e atualizar os ensinamentos do curso superior, o hospital me proporcionou ainda a oportunidade de conviver com as mais expressivas figuras da medicina brasileira. Foi lá que tive o privilégio de conhecer o ícone da cirurgia cardíaca, Euryclides de Jesus Zerbini, cuja biografia acabo de escrever. Sinto-me também orgulhosa por pertencer hoje, como conselheira e curadora, à fundação que ostenta seu prestigioso nome. Sou grata, portanto,

a José Antonio Ramires, que me convidou para dela fazer parte e poder contribuir com a importante missão de dar apoio ao Instituto do Coração do Hospital das Clínicas.

Quis o destino, por seus insondáveis desígnios, que eu assumisse, em 1982, o comando de uma indústria familiar. Confesso que o desafio foi muito maior do que esperava. Acostumada a lidar com pacientes, tive que enfrentar o mundo do capital, da produção, do comércio e da concorrência. Foi um novo aprendizado, desta feita guiada pelo exemplo de meu tio, Francisco Capuano, cujo legado de inventividade e amor ao trabalho também reconheço. Ainda que não tivesse deixado de lado a medicina, graças aos cursos de atualização que frequentei no Hospital Sírio-Libanês, passei a fazer parte de outros grupos igualmente instigantes.

Convidada a ingressar na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo por seu então presidente, Carlos Eduardo Moreira Ferreira, comecei a atuar junto ao Conselho Superior do Instituto Roberto Simonsen, centro de estudos avançados voltado para a análise dos grandes temas nacionais. A partilha de ideias e o debate, que têm sido as marcas registradas da FIESP desde os tempos de Jorge Street, Francisco Matarazzo e Roberto Simonsen, que fomentaram sua criação em 1928, justificam igualmente meu reconhecimento às pessoas especiais que aqui encontrei: Mário Amato, Horácio Lafer Piva, Ruy Martins Altenfelder Silva e Paulo Skaf, atual presidente da entidade, que tanto tem me prestigiado, dando-me incumbências desafiadoras ao lado dos queridos amigos Ricardo Lerner e Ruy Baumer. Tem sido um privilégio conviver com o seletivo grupo da FIESP, razão pela qual a escolhi como espaço significativo para sediar esta solenidade. E foi aqui na FIESP que recebi de Luiz Gonzaga Bertelli convite para participar do quadro de conselheiros do Centro de Integração Empresa-Escola, em que também passei a me relacionar com pessoas notáveis, como Paulo Nathanael Pereira de Souza, Antonio Penteadó Mendonça, Antonio Palma Calheiros, Gaudêncio Torquato, Ney Prado, Nelson Alves e muitos outros, aos quais estendo o mesmo sentimento de gratidão.

Recompondo este fio de Ariadne, não poderia deixar de mencionar José Luiz Gomes do Amaral e Jorge Carlos Machado Curi, que me conduziram à Associação Paulista de Medicina, entidade criada em 1930 por empenho de Alberto Nupieri, e à Associação Médica Brasileira, idealizada e fundada em 1951 por Jairo

Ramos. Sou igualmente agradecida a Kalil Rocha Abdalla, que me integrou à mesa diretora da Santa Casa de Misericórdia, cuja longevidade de mais de quatro séculos é proporcional aos bons serviços de saúde e assistência que vem prestando a São Paulo; e a Carlos Alberto Magalhães Lancellotti, que me fez membro da Associação de Assistência à Criança Deficiente, verdadeiro modelo de filantropia.

O programa que elaboramos para a Academia de Medicina de São Paulo é arrojado, e posso afirmar, em nome dos demais membros da diretoria, que tudo faremos para cumpri-lo, cientes da responsabilidade que temos sobre os ombros. Se somos continuadores de um legado que nos forneceu exemplos edificantes, cabe deixar medrar o que já foi semeado. Mas como pretendemos colher mais, muito mais, vamos ter que contar com a colaboração de todos.

Senhoras e senhores:

Disse que meu pronunciamento seria pautado pelo reconhecimento e pela gratidão, temas sobre os quais já se manifestaram, com belas e enfáticas palavras, tantos filósofos e poetas ao longo do tempo. Ao examinar o ato de doação, no plano das relações interpessoais ou entre entidades de diferentes grandezas, quase todos observaram que, apesar de haver um verdadeiro equilíbrio entre quem dá e quem recebe, como elementos recíprocos que necessariamente se completam, a gratidão é a única forma de garantir o respeito ao outro e, ao mesmo tempo, de reconhecer sua própria identidade. Eis porque, na tradição originária da sabedoria popular — e incorporada como preceito às religiões que procuram oferecer resposta às inquietantes perguntas que fazemos sobre nossa finitude —, quem faz um benefício não deve lembrá-lo, mas quem o recebe não pode esquecê-lo nunca. Nesse processo — que é essencialmente um tributo de respeito a todos aqueles de quem recebi tanto — quero incluir ainda meus familiares e amigos. Sem eles, afinal, nada faria sentido. Obrigada.

Yvonne Capuano

Discurso de posse na presidência da Academia de Medicina de São Paulo, em 29 de abril de 2009

Encerramento da Gestão da Academia de Medicina de São Paulo

Guido Arturo Palomba

Neste salão nobre da Federação das Indústrias de São Paulo, gentilmente cedido pelo Doutor Paulo Skaf, a quem agradeço de modo efusivo, estamos comemorando o centésimo décimo quarto ano de fundação da Academia de Medicina de São Paulo e dando posse à nova Diretoria, em cumprimento aos artigos 32 e 33 do Estatuto.

A Academia, senhoras e senhores, conhece três diferentes séculos: nasceu no XIX, em 1895, viveu no século XX e agora está aí forte, firme, saudável no século XXI, mais precisamente, em perfeita ordem, graças ao trabalho coletivo e harmônico de todos os membros dessa Diretoria que ora se encerra.

Foram seis anos de trabalho coletivo, durante os quais os seus portões se fecharam. Os primeiros anos foram para organizar o Estatuto, respeitando os alicerces firmados nos sonhos imorredouros de seus fundadores. Este recebeu os cuidados que os restauradores de obras de arte têm diante de um clássico. A delicadeza para remover o verniz recente, a preocupação para manter as cores originais, a escolha de métodos os mais neutros possíveis, os retoques aqui e ali.

Depois, mais alguns anos se passaram para organizar as cadeiras, patronos e ocupantes. Se a analogia da reforma estatutária com o restauro de uma obra de arte pôde dar-se no momento inicial, aqui já não mais, considerando que o tema trata de conjunto fechado, no qual se encontram destacados médicos do Brasil, vivos e mortos, ou seja, membros titulares, eméritos, honorários e patronos, homens e mulheres relevantes como médicos, que se alçaram à consideração pública.

Seis anos diante desses desafios, cujo resultado final somente foi atingido, repetimos, graças à participação extremada de todos os membros da Diretoria, os quais cito nominalmente e aos quais expresse os meus sinceros aplausos de gratidão: Rui Telles Pereira, Luiz Celso Mattosinho França, Renato Andretto, José Roberto de Souza Baratella, Yvonne Capuano, José Luiz Gomes do Amaral, Luiz Fernando Pinheiro Franco, Sergio Paulo Rigonatti, Josar de Carvalho Ribeiro da Silva, Luiz Bacalla, Sebastião de Almeida Prado Sampaio, José Luiz Lemos da Silva, Antonio de Pádua Bertelli, Celso Carlos de Campos Guerra e Samuel Atlas, verdadeiros adamares do talento, alguns já imortais que nos deixaram, mas infindos na lembrança e nos trabalhos plantados nesta Academia.

Uma menção especial a Alexandre Gabriel, que aqui estaria a tomar posse com os demais não fosse tão rápida e precocemente colhido pela Senhora Foice.

Todos os partícipes não transigiram com a falta de objetividade e de método, não os inspiraram quaisquer prevenções. Seguiram abrangentes critérios e, rigidamente calcados nos princípios democráticos, trabalharam.

Assim, tudo em ordem, recentemente foram reabertos os seus portões, quando se declarou vaga uma de suas cadeiras, conquistada em renhida disputa por Marilene Rezende Melo.

Terminada a missão da reforma, era necessário organizar a sucessão, para a qual, em conjunto e por consenso, naturalmente se destacou o nome de Yvonne Capuano para conduzir o pavilhão Acadêmico.

Médica-empresária, escritora, historiadora, incansável em suas lutas multifárias pela cultura, ainda encontra vagares para incentivar as atividades associativas e universitárias, bem assim promovendo eventos artísticos, sociais e beneficentes, virtudes que certamente motivam e aprimoram seu psiquismo afetivo e inteligente, duas armas poderosas com as quais se abstém e suporta, estoicamente, os dias anódinos e convulsivos de hoje.

Yvonne, querida amiga, muito obrigado por tudo.

Antes de terminar, é justo que fiquem consignadas as homenagens ao presidente da Associação Médica Brasileira, José Luiz Gomes do Amaral (também Acadêmico), ao presidente do Sindicato dos Médicos de São Paulo, Cid Célio Jaime Carvalhaes (também Acadêmico), ao presidente do Conselho Regional de Medicina, Henrique Carlos Gonçalves, ao presidente da Associação Paulista de Medicina, Jorge Carlos Machado Curi, uma vez que todos deram apoio inestimável à Academia, bem como revelaram rara competência e a mais larga compreensão dos problemas médicos brasileiros, oferecendo precioso espaço para a Academia, de cuja união sólida nasceram ideias, planos e ações, lembrando o querido e saudoso amigo e mestre Duílio Crispim Farina, o qual afirmava que, em verdade, todos nós juntos, todas as nossas Entidades, somos romeiros da mesma peregrinação, cujo ponto de chegada é um só: aprimoramento da *ars curandi* em prol de todos os nossos pacientes.

Aqui ficam a minha fraterna gratidão a vocês e os formais agradecimentos as Vossas Excelências em nome de toda a Diretoria que ora termina.

Prezados colegas, amigos. Missão cumprida. Novos Diretores Yvonne, Nadim, Meira, Linamara, Rui, Tiriba, Hélio, Rozeane, Baratella, Afiz, José Luiz, Mattosinho, *ars longa, vita brevis*, avante e boa sorte a todos.

Guido Arturo Palomba

Discurso de encerramento da gestão na presidência da Academia de Medicina de São Paulo, em 29 de abril de 2009

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Ivan de Melo Araújo – **Diretor Adjunto:** Guido Arturo Palomba

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)] e Luiz Celso Mattosinho França

Cinematoteca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany